Malicia e maldade das mulheres

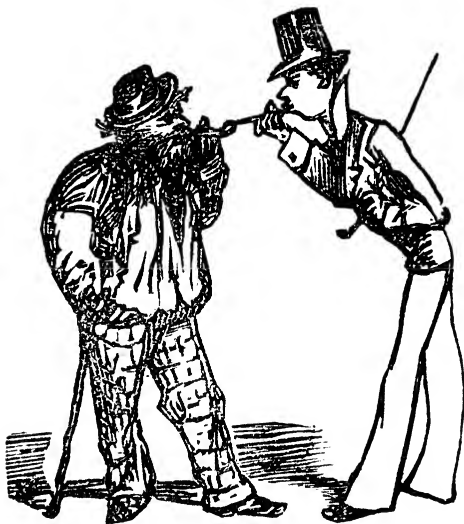
Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 14

BIBLIOTHECA POPULAR
N.º 14

MALICIA
E
MALDADE DAS MULHERES
OU A
MANEIRA COMO ELLAS ENGANAM SEUS MARIDOS



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

MALICIA DAS MULHERES

Queria um ratão casar-se ;
Tendo então consultado
Um seu amigo sincero,
Homem n'isto illustrado ;

Expõe lhe o seu intento
Com toda a circumscripção ;
Ao que respondeu logo
Com a seguinte expressão :

Eu não digo que seja mau
Esse estado de casado ;
Mas reger mulher e filhos
Ahi torce a porca o rabo.

Caro amigo, attenderá
Ao que lhe vou expôr,
E de tudo o que eu disser
Vá escolhendo o melhor.

O casar n'este seculo
E' uma triste loucura,
Porque vae o homem cavar
Sua propria sepultura.

A mulher mal é senhora
Da sua cara metade,
Sempre quer ser adornada
Com muita sumptuosidade.

Em quanto o pobre marido
Mui contente assim obrar,
Mil affagos e carinhos
N'ella sempre ha de encontrar.

E mal chegam os annos
Da senhora D. Rita,
Quer á dita funcção ir
Com toda a pompa inaudita.

Eil-a detraz do marido,
Pedindo sem compaixão,
Um rico vestuario
Para tão bella funcção.

Logo entra o pobre revendo
Livros de deve e haver,
Para vêr se da consorte
Póde o gosto satisfazer.

Acha a sua situação
Muito em fim atrapalhada ;
Diz-lhe que p'ra dita funcção
Não é possivel dar nada.

Pois bem sabe que os negocios
Se acham paralysados,
E que os seus para os crédores
Se acham bem alcançados.

Homem, tu que disseste ?
Pois assim que tua esposa
Ouviu as tuas palavras
Se torna furia raivosa.

Pragas mil então dirige
Contra o pobre do marido,
E mil sarcasmos sem conta
Com um furor desabrido.

Para que casou commigo,
Se me não ha de tratar
De maneira que eu podesse
Com as outras hombrear ?

Seu patife, seu maroto,
Você anda amancebado !
Por isso já me não trata
Com amor idolatrado.

Eis a razão da sua vida
Estar damnificada,
E não por o que lhe peço,
Que isso não vale nada.

Porém, eu protesto e juro,
Se descobrir minha rival,
Enchel-a de bofetadas,
E cravar-lhe agudo punhal.

A isto, prantear fingido
Seguiu-se um faniquito,
Que poz o triste consorte
Consternado e afflicto.

Foi preciso para obstar
Esta grande trovoada,
O marido amimal-a
Como a creança enraivada.

Vá-se d'aqui seu traidor,
Ella dizia inda chorando,
Cruel, que me despreza,
Tendo-o eu amado tanto !

Mas se não dá o que peço,
Póde estar já na certeza
Que arranjarei quem m'o dê,
Pois ainda tenho belleza.

Emfim, á vista do exposto,
Não tem remedio o marido,
Senão dar-lhe o que ella quer
Para não ser escarnecido.

Eu agora lhe contarei,
Amigo do coração,
Dois factos com que termino
A minha declaração :

Uma dama outr'ora havia,
Sem o marido saber,
Costumava com um frade
Varias vezes s'entreter.

Estando n'uma occasião
Nos colloquios amorosos,
Rapido chega o marido ;
Que terror p'r'os criminosos !

O frade apressadamente
Fugiu pela janella,
Até os seus calções deixando
Pandentes da cama d'ella.

Entrou o pobre marido
Sem dar com a empreitada,
E a consorte lhe apparece
Alegre e muito córada.

Mil affagos e carinhos
Ella dirige ao marido,
Pois a mulher criminosa
Se faz um ente querido.

Por acaso olhou o esposo
Para o leito nupcial,
E diz, irado, á consorte :
De quem é, adorno tal ?

Ella então, triste, chorando,
Lhe responde affectuosa :
Eu te vou, contar, marido,
Minha sorte desditosa :

De São Pancracio os calções
São estes, caro marido,
Que me treuxe frei Antonio,
Servo de Deus tão querido.

Pois, pelo cruel demonio,
Eu me vi muito atacada,
Que por pouco não findava
Minha vida delicada.

E vendo este servo de Deus
A minha grande tristura,
Com essa reliquia findou
Minha grande amargura.

Agora que já estou boa,
Deves, marido sem par,
Levar a frei Antonio
A reliquia singular.

O homem acreditou
Esse fingido aranzel,
Sentindo no coração
O mal da esposa infiel.

Ainda o sincero consorte
Cheio de veneração,
Foi levar a frei Antonio
O venerando calção.

Tambem houve outra dama,
Que muito medo mostrava
Quando os ratos rugiam
Na casa onde ella morava.

O innocente marido
Mil vezes a desvanecia,
De medo tão maluco
De que a gente escarnecia.

A isto respondia logo :
Ah ! não, querido esposo,
O medo não perco aos ratos
Por um acaso desastroso :

Foi comida uma creança
De uma amiga visinha
De meus paes, sempre queridos,
Por esta féra damninha :

Desde então esta lembrança
Tal susto me tem causado,
Por mais que queira não posso
Perder o susto malvado.

De sorte que o marido,
Quando á noite ella queria
Dar allivio á natura,
Sem cessar bulha fazia.

Do grande estrondo incessante
D'uma vez já mui cançado,
Saltou a baixo da cama,
Correu para ella apressado.

P'ra vêr da muita demora
Qual era o justo motor,
E com infinito pasmo
Ficou cheio de pavor.

Não eram as ratazanas,
Era um mui grande ratão,
Que na testa do marido
Lhe punha feia armação.

Com o castiçal lhe atira,
Ficando tudo ás escuras,
Accudam, grita o marido :
Matem essas creaturas !

Ladrões, que me tiraram
A honra e meu bem estar !
Porém o ratão fugiu
Antes de gente chegar.

Acudiu toda a familia.
Julgando serem ladrões,
Pois até a mulher gritava
Entre crueis afflicções.

A esta infeliz quem accode !
Que por pouco não morria
A's mãos do cruel malvado,
Que suffocar-me queria.

E em quanto a luz não vinha,
A cara, braços e peito,
Arranhou terrivelmente,
P'ra do mal mostrar o effeito.

O marido mui confuso
Do pranto que ella soltava,
Mais abysmado ficou
Quando a luz então chegava.

Contemplou cheio de pasmo,
O estado da consorte ;
E ficou mui consternado
Ao vêl-a d'esta sorte.

Ella então triste chorando,
Lhe dizia consternada :
Se não vens, oh caro esposo,
Eu seria assassinada.

Ella abraçou o consorte
Com amor e com ternura,
Protestando amal-o sempre
'Té junto da sepultura.

Irra, diz então o amigo,
Com tão grande logração,
Eu já não quero casar-me,
Por temer igual traição.

FIM